



ANTROPOFAGIA DEVORADA

Hermes da Fonseca¹

Resumo: As leituras mais contemporâneas da antropofagia sugerem então outras assimilações do conceito. Esta comunicação visa apresentar um mapa das leituras críticas mais contemporâneas do conceito oswaldiano.

Palavras-chave: antropofagia, regurgitofagia, iconofagia, coprofagia

Primeiro a sugestão de que a antropofagia, quase um século depois de Oswald de Andrade, deva ceder lugar à *antropoemia* (Waldo Motta, inspirado em Claude Lévi-Strauss), à *regurgitofagia* (de Michel Melamed) ou à *iconofagia* (Norval Baitello Junior) – para citar algumas propostas –, apenas demonstram a fecundidade da metáfora. Embora as abundantes possibilidades de uso do sufixo *-fagia* (do grego *phageín*, “comer”) na composição de novos substantivos – forjados segundo a metáfora da comida – possam sugerir um hipotético esvaziamento do conteúdo da antropofagia, esta ainda se mantém como um pensar que se faz da angústia das margens, do deslocamento, do “entre-lugar” para a *terceira margem*.

Enquanto a chamada *iconofagia* tenta mostrar a dissolução do humano (e da história) no desvario tecnológico de uma ubíqua teia de imagens – criação dos feiticeiros humanos que já não podem mais conter seus poderes –, a chamada *coprofagia* (principalmente literal e involuntária) se dissemina, silenciosa e cotidianamente, expondo a des-hominização expressa entre as fendas das múltiplas temporalidades da história, quando a privada (a latrina) sabe de *Hubble*, e vive-versa. Em ambas as acepções, porém, a metáfora é construída em relação à tradição antropofágica, ratificando-a, invertendo-a ou negando-a. Espetáculo e “vivência na merda” (rompidas as fronteiras entre literalidade e metáfora) – conforme expressão do controvertido pesquisador

estadunidense, Max Davis – ratificam a fecundidade da *atitude antropofágica* na compreensão do mundo atual. Se se opta por censurar a evocação algo biológica da metáfora antropofágica, logo se verá – diante da inevitável percepção de que os principais problemas do nosso tempo não se resumem a ser sociais, ambientais, políticos, etc., mas são tudo isso ao mesmo tempo – a terrível identificação (literal e metafórica) entre o que se devora e o que se excreta, bem como o empenho midiático em dissolver tudo em imagens (*iconofagia*). Outras permitem vislumbrar os vínculos entre a *coprofagia* (na acepção do autor tomada como um “imperativo coprofágico”) e a construção alegórica alusiva ao modo de pensar. Suscetível de ser tomada como “mentalidade diarréica” – a mesma que referenda a “proibição de pensar”, o chamado “pensamento unidimensional” e/ou a tese do “fim da história” –, a *coprofagia* (como metáfora do pensar, como possibilidade de uma outra racionalidade) é uma fecunda proposta estética empenhada em reler a antropofagia, levada a cabo pelo poeta Glauco Mattoso:

[...] Fiz a apologia da merda em prosa & verso, de cabo a rabo. Na prática eu queria dizer pra mim mesmo e pros outros: “Se no meio dos poucos bons tem tanta gente fazendo merda e se autopromovendo ou sendo promovida, por que eu não posso fazer a dita propriamente dita e justificá-la?”. A justificativa era a teoria da ANTROPOFAGIA oswaldiana. Já que a nossa cultura (individual & coletiva) seria uma devoração da cultura alheia, bem que podia haver uma nova devoração dos detritos ou dejetos dessa digestão. Uma reciclagem ou recuperação daquilo que já foi consumido paródia, um plágio descarado ou “intertextual” agradou a crítica, e cheguei *terrible* de Oswald de Andrade.

Se o testemunho de nossa época é uma ubiqüidade do imperativo coprofágico literal (da disseminação de partículas fecais pela comida, pela água e pelo ar, ingeridas pelas grandes majorias assoladas por um cotidiano de misérias), a pertinência da metáfora da comida para tratar da racionalidade evidencia não apenas a inter-penetração antropofagia-coprofagia, mas o modo silencioso e, não raro, reprimido de sua inscrição nos detalhes mínimos da vida cotidiana do nosso tempo. Essa ambigüidade constitutiva da antropofagia (essa persistente feição de noção inacabada), decorrente de sua expressão não-

dogmática, “[...] esta mesma singularidade que tanto fortalecera os movimentos contraculturais no Brasil, agravou por outro lado os efeitos da clonagem dos mesmos, operada pelo neoliberalismo.” A disseminação de uma “mentalidade diarréica” (a “proibição de pensar”) não é apenas a alegoria dos excrementos das (i)rrrationalidades contemporâneas, mas também o anverso de uma moeda em cuja coroa a antropofagia (concebendo-se como uma ousadia para além dos dogmatismos da direita e da esquerda surge como uma tentativa de esvaziamento de uma linhagem filosófica e de esquerda) acaba por reduzir a *terceira margem* à simples *terceira via*. Falsa como as oposições que frequentemente são estabelecidas entre Estado e Mercado, Norte e Sul, centro e periferia, dentre outras, a identificação (dissolução) da antropofagia ao que tem sido chamado “neoliberalismo” surge como uma tentativa de esvaziamento de uma linhagem filosófica e de Os empenhados em atribuir uma feição ingênua à antropofagia, identificando-a ao chamado neoliberalismo, nada mais fazem – como advertiram Theodor Adorno e Max Horkheimer já final dos anos 1940 – que ratificar o postulado positivista segundo o qual tudo o que não se reduz aos números e ao uno passa a ser sinônimo de ilusão e, automaticamente, deve ser remetido para a literatura. Exemplo desse tipo de posicionamento pode ser visto, por exemplo, no texto de Vinícius Dantas sobre o conjunto de escritos de Oswald lançados sob o título de *Telefonema*: um Oswald que, mesmo reconhecendo à antropofagia as qualidades de uma autêntica *visão de mundo [Weltanschauung]*, cria “[...] que só um espírito reacionário e obtuso poderia tirar partido disso para justificar a devoração pela devoração. [...] A guerra, os terrores do fascismo, o apelo às forças primitivas da humanidade, tudo isso, só, significa descalabro e morte para um ciclo – o ciclo individualista burguês. Nunca para a humanidade.” A alegada ambigüidade da antropofagia (comum a todas as grandes criações filosóficas) é apenas a expressão inequívoca de sua maior riqueza – os olhos d’água da *obra*, sua descendência da poesia.

Bem se viu que o antropófago sobreviveu ao canibalismo – feio e vulgar – do capital. Por isso, o antropófago que sai dessas crônicas mais parece o homem polido e cordial que, antigamente, na boa civilização patriarcal de nossos avoengos, estava a salvo da lógica do dinheiro e da

sociedade de massas. Só lhe resta agora descobrir aos trancos, e muito a contragosto, a lógica conservadora da modernização real. Trinta anos depois,

Os empenhados em atribuir uma feição ingênua à antropofagia, identificando-a ao chamado neoliberalismo, nada mais fazem – como advertiram Theodor Adorno e Max Horkheimer já final dos anos 1940 – que ratificar o postulado positivista segundo o qual tudo o que não se reduz aos números e ao uno passa a ser sinônimo de ilusão e, automaticamente, deve ser remetido para a literatura. Exemplo desse tipo de posicionamento pode ser visto, por exemplo, no texto de Vinícius Dantas sobre o conjunto de escritos de Oswald lançados sob o título de *Telefonema*: um Oswald que, mesmo reconhecendo à antropofagia as qualidades de uma autêntica *visão de mundo* [*Weltanschauung*], cria “[...] que só um espírito reacionário e obtuso poderia tirar partido disso para justificar a devoração pela devoração. [...] A guerra, os terrores do fascismo, o apelo às forças primitivas da humanidade, tudo isso, só, significa descalabro e morte para um ciclo – o ciclo individualista burguês. Nunca para a humanidade.” A alegada ambigüidade da antropofagia (comum a todas as grandes criações filosóficas) é apenas a expressão inequívoca de sua maior riqueza – os olhos d’água da *obra*, sua descendência da poesia.

Bem se viu que o antropófago sobreviveu ao canibalismo – feio e vulgar – do capital. Por isso, o antropófago que sai dessas crônicas mais parece o homem polido e cordial que, antigamente, na boa civilização patriarcal de nossos avoengos, estava a salvo da lógica do dinheiro e da sociedade de massas. Só lhe resta agora descobrir aos trancos, e muito a contragosto, a lógica conservadora da modernização real. Trinta anos depois, modernos de negócio tornaram obsoleta a antropofagia”. Claro que, por superestimar a utopia, Oswald não pode ter essa clareza drástica, afinal pequenos e grandes sinais de progresso na vida brasileira, todos eles, derretem seu velho e carcomido coração – como se estivéssemos nos movendo devagar mas sempre para adiante, por comparação com o passado. A série de meditações hospitalares com que Oswald dá um balanço na vida é um momento de extrema resignação e apaziguamento; por fim a Antropofagia se converteu para ele numa consolação filosófica, um espiritualismo moderno e órfico, um autêntico cristianismo tropical, socialmente generoso e ecumênico. A trajetória se encerra com amargura e muita fé, acrescida do sofrimento da doença e do cansaço. Um dado a mais da humanidade de

Oswald é a sua consciência de que chegou ao fim iludido sistematicamente por seu otimismo social, pois o tempo que lhe foi dado viver encobriu e distorceu sua percepção. Ao fim e ao cabo, tanto a República Velha quanto o Estado Novo e o governo Vargas, uma embalada pelo último ciclo do café, os outros, pela industrialização de base, foram interregnos em que as condições internacionais favoráveis fizeram-no acreditar ilusoriamente numa chance nacional de modernização genuína. Mas ele não é homem de escomotear que a miséria permanente desse povo que já nem povo é, a brutalidade modernizadora, o absurdo beckettiano da política brasileira, a parcialidade da revolução artística, estão aí a machucá-lo. Digamos que foram ilusões históricas poderosas, mais do que ilusões meramente pessoais desse filhinho de mamãe canibal, tanto que se precisou esperar até 1964 para serem dissipadas de vez (acho que minto) do nosso horizonte.

A imputada ingenuidade da reivindicação da atitude antropofágica nos dias que correm representa obviamente uma postura político-ideológica nada inocente, empenhada em agir anti-anthropofagicamente por meio de argumentos restritos apenas a uma feição do conteúdo tratado. A “devoração pela devoração” (já referida por Oswald, nos anos 1950) – essa reafirmação caricaturesca do chamado neoliberalismo – é a caricatura de que se servem os críticos da antropofagia para lhe atribuírem hipotética ingenuidade, já que o grau de abertura ao diferente sustentado pela atitude antropofágica acabaria por torná-la facilmente capturável, uma “metáfora doce” ao paladar neoliberal, de conteúdo facilmente substituível. Essa restrição interpretativa à e sua expressão de (ir)racionalidade se opera sob uma configuração específica do capitalismo: alegada face lupina da antropofagia – que revelaria uma adesão à seleção natural propalada pelo neoliberalismo – negaria qualquer possibilidade de seu uso contra a “proibição de pensar”/ “modo capitalista de pensar”/ “pensamento unidimensional”/ “mentalidade diarréica”. Essa compreensão redutora do alcance da antropofagia é típica de posicionamentos colonizados.

O capitalismo, que produz e devora muito, é “antropofágico”: também “come” o homem. Mas o que consome exatamente? Os corpos? Estes são usados há muito tempo e a antiga noção de “corpos produtivos” [Marx] é uma prova disso. A grande novidade é hoje a redução das mentes. [...] nós assistimos, no presente, à destruição do duplo sujeito que teve origem na modernidade, o sujeito crítico (kantiano) e o sujeito neurótico (freudiano) – a que

se deve acrescentar o sujeito marxiano - e vemos instalar-se um novo sujeito, um sujeito “pós-moderno”, a ser definido. [...] Entramos, pois, em um tempo novo: o do capitalismo total que não se interessa mais só pelos bens e por sua capitalização, que não se contenta mais com um controle social dos corpos, mas visa também, sob a aparência de liberdade, a uma profunda reestruturação das mentes. Tudo, de fato, deve agora entrar no mundo da mercadoria, todas as regiões e todas as atividades do mundo, inclusive os mecanismos de subjetivação. É por isso que, diante desse perigo absoluto, a hora é de resistência, de todas as formas de resistência que defendem a cultura – em sua diversidade – e a civilização – em suas conquistas.

É apenas nos contornos desse contexto em que se dissemina o procedimento de “reduzir as cabeças” que se pode compreender os dois principais argumentos empregados para descartar a antropofagia, ora como um mero discurso flexível e desterritorializado de plena adesão ao neoliberalismo, ora como um conceito anacrônico,¹⁷³ inócuo no contexto atual. Toda a atenção à teoria da história, às realidades e discursos silenciados, a reconstrução das memórias culturais, a carnavalização, a ênfase na oralidade – esses importantes fatores que distinguem a antropofagia brasileira dos canibalismos europeus (Francis Picabia [1879-1953], Filippo Marinetti [1876-1944], Blaise Cendrars [1887-1961], Salvador Dalí [1904-1989], etc.) – se esvai quando a antropofagia é tomada como endosso dos discursos do neoliberalismo e do “fim da história”. Até mesmo um autor como Eduardo Subirats – que, em texto de 2002,¹⁷⁴ embora reconhecesse toda a importância da antropofagia, entendia que esta havia sucumbido “aos rituais canibais do consumo mercantil” e se transformado em “memória poética” –, acaba por reconhecer, em texto publicado em 2006, que

A antropofagia, nem sob suas carnívoras expressões indígenas, nem sob suas variações metafóricas para salões e revistas de vanguardas literárias brasileiras, nunca foi a consumação eletrônica dos signos consumidos na cultura-espetáculo-consumo. Tampouco é a chatice barateada da *pop art*. A revolta artística da antropofagia foi outra coisa. Momento radicalmente reflexivo da arte do século XX na América Latina.

Metáfora de um pensamento renovador de tudo o que é humano
– politicamente, espiritualmente, sexualmente.

Embora tenhamos, no curso desta argumentação, reconhecido que a restrição da antropofagia apenas à realidade brasileira ou latino-americana representaria uma mutilação conceitual, devemos, de igual modo, advertir que disso não decorre uma postulação antropófago-nefelibata (com descarte da história) nem uma ortodoxia de um hipotético programa antropofágico. Se a metáfora da antropofagia já encontrava rudimentos no mito fundador da “civilização ocidental” – como ressaltamos quando nos referimos ao mito de Cronos (Saturno) devorando seus próprios filhos – e comporta inegáveis elementos de universalidade, não é sem propósito que as considerações que estamos formulando nos conduzam aos pontos de singularidade da metáfora antropofágica no contexto latino-americano. Argumentando dessa forma, tratando a antropofagia como uma superação das fronteiras entre o singular e o universal, parece não haver dúvidas: por mais que nos movamos nessa areia movediça, toda essa exposição coincidiria perfeitamente com toda a proposta da globalização neoliberal. Nesses tempos em que se tornou uma obsessão difusa e imperativa a transposição de fronteiras, a criação de um mundo liquefeito, a defesa intransigente do politicamente correto conceito de *multiculturalismo* (conceito que carrega em si o peso do etnocentrismo, segundo o qual algumas culturas acabam sendo tomadas como centro), são mais do que oportunas as palavras de Caetano Veloso (às quais endossamos), segundo quem a antropofagia

[...] é antes uma decisão de rigor do que uma panacéia para resolver o problema de identidade do Brasil. A poesia límpida e cortante de Oswald de Andrade é, ela mesma, o oposto de um complacente ‘escolher o próprio coquetel de referências’. A antropofagia, vista em termos precisos, é um modo de radicalizar a exigência de identidade (e de excelência na fatura), não um drible na questão.

Atingimos, por essa via, a barra de rios inevitável para a caracterização da antropofagia oswaldiana, de que nos nutrimos no curso desta navegação: a antropofagia, tal qual a estamos delineando, tem raízes fundas na cultura

brasileira e latino-americana e esse aspecto é decisivo para a sua configuração conceitual. Aliás, não custa repetir o truísmo de que qualquer conceito – os de antropofagia incluídos – é também uma construção histórica (humana) e, como tal, não suscetível de ser sintetizado em uma definição única e inequívoca. Essas considerações nos indicam que compreender o percurso da idéia de antropofagia no Brasil (em suas várias acepções) é tarefa que não pode ser satisfatoriamente realizada sem uma atenção especial às interpretações do país, sem que se dedique a compreender a constituição histórica brasileira.

Se a fecundidade da *atitude antropofágica* no Brasil fomentou a formação de toda uma vertente de pensamento/ação ao longo do século XX, também não foram poucas as críticas que impingiram à antropofagia todas as posturas por ela criticadas: como o academicismo, o eurocentrismo, o messianismo e o irracionalismo. Uma das mais contundentes dessas críticas proveio de Roberto Schwarz – autor que fez profunda crítica da tradição antropofágica, principalmente ao Movimento Tropicalista, e que, segundo Caetano Veloso, “[...] sua redução da ‘alegoria’ tropicalista ao choque entre o arcaico e o moderno, embora revelasse aspectos até então impensados, resultava finalmente empobrecedora.” Para Schwarz, no entanto, a “romântica” antropofagia dos anos 1920 já não tinha o mesmo poder crítico diante da culturas de massas dos anos 1980 (quando escreve), não passando a *atitude antropofágica* de um “álibi desajeitado e rombudo” num momento avassalador em que a intervenção social diante das ambigüidades culturais requer lucidez. Mas é na seqüência dessa crítica que Schwarz atinge o cume da sua provocação: “Como não notar que o sujeito da Antropofagia – semelhante, nesse ponto ao nacionalismo – *é o brasileiro em geral*, sem especificação de classe? Ou que a analogia com o processo digestivo nada esclarece da política e da estética do processo cultural contemporâneo?”

Embora as provocações de Schwarz sejam ainda hoje válidas, o autor – parecendo cingir-se apenas ao *Macunaíma* de Mário de Andrade, reivindicado pelos antropófagos – acaba por desconsiderar que no decorrer da obra de Oswald de Andrade, este nunca deixou de pensar o país em função dos seus variados tempos históricos e de grupos sociais silenciados no decorrer desse percurso. Não apenas a trilogia *Marco Zero* – que alguns podem ter a

pretensão de destacar da vertente antropofágica, pelo engajamento do autor no Partido Comunista Brasileiro (PCB), ocorrido entre 1931 e 1933 – atesta essa afirmação; já na *Revista de Antropofagia*, o autor, em resposta ao escritor mineiro Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Atháide (1893-1993), já classificara o Brasil como sendo “um grilo de seis milhões de quilômetros, talhado em Tordesilhas.”¹⁹¹ O “grilo histórico” – o “grilo” ou a “grilagem” é a metáfora que Oswald usa para designar prática cultural brasileira da utilização de insetos para forjar o envelhecimento de documentos, fazendo com que textos recentes tenham a aparência de documentos jurídicos antigos e passem (com a conivência de autoridades) a contar com o respaldo de documentos válidos – é uma referência à principal questão da história brasileira, com impacto cada vez maior nas construções sócio-culturais do país: a questão agrária. As terras sempre foram o principal alvo da “grilagem” – tema ainda hoje bastante atual, principalmente na região norte do país, havendo mesmo informações de que, apenas no Estado do Pará, a área grilada atinja aproximadamente 30 milhões de hectares – e, se antes, essa prática pareceu revelar uma prática costumeira brasileira, uma insurgência da “posse contra a propriedade”, como tratou Oswald, nos dias atuais ela está associada à expansão do “latifúndio”, ao trabalho escravo e à devastação das reservas ambientais.

O “grilo” de Oswald demarca um esforço-síntese desesperado de compreender e transformar a realidade brasileira, como será revelado em *Marco Zero* (série de textos publicada em jornais no decorrer da década de 1930) e em suas várias peças teatrais, especialmente na peça *O rei da vela*. A alegoria do “grilo” alude, já naquela época, à perda de legitimidade do Estado na realidade brasileira – se as garantias mínimas de acesso à terra, por exemplo, estavam vedadas para a grande maioria da população, esta fazia, ao seu modo e à revelia do poder estatal, a posse da terra. Embora a grilagem (a arte do “grilo”) seja um procedimento que explique grande parte da concentração de terras no Brasil, acepção em que Oswald a ela se referiu se empenhou em mostrar mais a forma como a necessidade da terra (para a moradia e para o cultivo) conduziu a uma situação pelo autor denominada de “Direito costumeiro anti-tradicional”. A alegoria do “grilo” (em aparente desencontro com o tamanduá-bandeira, adotado como símbolo da *Revista de*

Antropofagia, em sua segunda “dentição”) expressa a defesa oswaldiana de um Brasil que se constitui e se compreende por meio da superação entre racionalismo e irracionalismo, em insurgência constante aos modelos pré-concebidos vindos do exterior.